

47

# POLE MAS

agostinho neto

Capa de  
*Luandino Vieira*

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

AGOSTINHO NETO

*Colectânea  
de  
poemas*

LUCIO LARA

LISBOA  
MCMLXI

# COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO

E

COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António  
N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luan-  
dino Vieira  
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos  
N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)  
N.º 5 — *Poemas de Circunstância*, de António Cardoso  
N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras*, de Costa Andrade  
N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima  
N.º 8 — *Poemas* de Agostinho Neto (1961)

## O AUTOR

ANTÓNIO AGOSTINHO NETO nasceu a 27 de Setembro de 1922 no Icolo e Bengo (Angola). É médico formado pela Faculdade de Medicina de Lisboa.

Participou no primeiro movimento literário angolano, o «*Movimento dos Novos Intelectuais de Angola*» que em 1950 surgiu em Luanda através da revista «*Mensagem*», órgão da Associação dos Naturais de Angola. Desde logo se firmou como um dos mais representativos e válidos poetas angolanos.

Está representado no «*Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*» de Francisco José Tenreiro e Mário de Andrade, (Lisboa), na «*Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*» de Mário de Andrade, (Paris), em «*POETAS ANGOLANOS*» de C. Eduardo (Ed. da Casa dos Estudantes do Império, Lisboa) e em «*Contistas Angolanos*» (Ed. da C. E. I.).

A sua poesia encontra-se dispersa por revistas e jornais da metrópole e ultramar. O presente caderno reúne pela primeira vez algumas das suas produções publicadas nos anos de 1949 a 1953.

Tem para editar o livro de poemas: «*Sagrada Esperança*».

Lá no horizonte  
o fogo  
e as silhuetas escuras dos imbondeiros  
de braços erguidos  
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas

Poesia africana

Na estrada  
a fila de carregadores bailundos  
gemendo sob o peso da crueira  
No quarto  
a mulatinha dos olhos meigos

retocando o rosto com rouge e pó de arroz  
A mulher debaixo dos panos fartos remexe as ancas  
Na cama  
o homem insone pensando  
em comprar garfos e facas para comer à mesa

No céu o reflexo  
do fogo  
e as silhuetas dos negros batucando  
de braços erguidos  
No ar a melodia quente das marimbas

#### Poesia africana

E na estrada os carregadores  
no quarto a mulatinha  
na cama o homem insone

Os braseiros consumindo  
consumindo  
a terra quente dos horizontes em fogo.

## fogo e ritmo

Sons de grillhetas nas estradas  
cantos de pássaros  
sob a verdura húmida das florestas  
frescura na sinfonia adocicada  
dos coqueirais  
fogo  
fogo no capim  
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte.

Caminhos largos  
cheios de gente cheios de gente  
cheios de gente  
em êxodo de toda a parte  
caminhos largos para os horizontes fechados

mas caminhos  
caminhos abertos por cima  
da impossibilidade dos braços.

Fogueiras  
    dança  
        tamtam  
            ritmo

Ritmo na luz  
ritmo na cor  
ritmo no som  
ritmo no movimento  
ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços  
ritmo nas unhas descarnadas  
Mas ritmo  
ritmo.

Ó vozes dolorosas de África!

## mussunda amigo

Para aqui estou eu

Mussunda amigo

Para aqui estou eu.

Contigo.

Com a firme vitória da tua alegria

e da tua consciência.

— o ió kalunga ua mu bangele!

o ió kalunga ua mu bangele-le-lelé...

Lembras-te?

Da tristeza daqueles tempos  
em que íamos  
comprar mangas  
e lastimar o destino  
das mulheres da Funda,  
dos nossos cantos de lamento,  
dos nossos desesperos  
e das núvens dos nossos olhos  
Lembras-te?

Para aqui estou eu  
Mussunda amigo.

A vida, a ti a devo  
à mesma dedicação, ao mesmo amor  
com que me salvaste do abraço  
da gibóia

à tua força  
que transforma os destinos dos homens.

A ti  
amigo Mussunda, a ti devo a vida.

E escrevo  
versos que tu não entendes!  
Compreendes a minha angústia?

Para aqui estou eu  
Mussunda amigo  
escrevendo versos que tu não entendes.

Não era isto  
o que nós queríamos, bem sei  
mas no espírito e na inteligência  
nós somos.

Nós somos  
Mussunda amigo  
Nós somos!

Inseparáveis  
caminhando ainda para o nosso sonho.

Os corações batem ritmos  
de noites fogueirentas  
os pés dançam sobre palcos  
de místicas tropicais  
os sons não se apagam dos ouvidos

— o ió kalunga ua mu banguê...

Nós somos!

## kinaxixi

Gostava de estar sentado  
num banco do Kinaxixi  
às seis horas duma tarde muito quente  
e ficar...

Alguém viria  
talvez  
sentar-se ao meu lado

E veria as faces negras da gente  
a subir a calçada  
vagarosamente  
exprimindo ausência no quimbundo mestiço  
das conversas

Veria os passos fatigados  
dos servos dos pais também servos  
buscando aqui amor ali glória  
além de uma embriaguês em cada álcool

Nem felicidade nem ódio

Depois do sol posto  
acenderiam as luzes e eu  
iria sem rumo  
a pensar que a nossa vida é simples afinal  
demasiado simples  
para quem está cansado e precisa de marchar.

## meia-noite na quitanda

— Cem reis de jindungo  
Sá Domingas

O sol  
entrega Sá Domingas à lua  
nas quitandas dos musseques

E a quitandeira esperando

— Cinquenta reis de tomate  
três tostões de castanha de cajú  
um doce de côco  
Sá Domingas

Ela vende na quitanda à meia-noite  
que o filho  
está na estrada  
precisa de cem mil reis  
para pagar o imposto

O sol deixa Sá Domingas  
na quitanda  
e ela deixa o luar

Um tostão  
dois tostões  
três tostões  
que o coração de Sá Domingas  
sofre mais do que o corpo na quitanda.

## caminho do mato

Caminho do mato  
caminho da gente  
gente cansada

Óóó-oh!

Caminho do mato  
caminho do soba  
soba grande

Óóó-oh!

Caminho do mato  
caminho de Lemba  
Lemba formosa

Óóó-oh!

Caminho do mato  
caminho do amor  
amor do soba  
Óóó-oh!

Caminho do mato  
caminho do amor  
do amor de Lemba  
Óóó-oh!

Caminho do mato  
caminho das flores  
flores do amor.

## comboio africano

Um combóio  
subindo de difícil vale africano  
chia que chia  
lento e caricato

Grita e grita

quem esforçou não perdeu  
mas ainda não ganhou

Muitas vidas  
ensoparam a terra  
onde assentou os rails  
e se esmagam sob o peso da máquina  
e no barulho da terceira classe.

Grita e grita.

Quem esforçou não perdeu  
mas ainda não ganhou

Lento, caricato e cruel  
o comboio africano...

## n o i t e

Eu vivo  
nos bairros escuros do mundo  
sem luz, nem vida.

Vou pelas ruas  
às apalpadelas  
encostado aos meus informes sonhos  
tropeçando na escravidão  
ao meu desejo de ser.

— Bairros escuros  
mundos de miséria

onde as vontades se diluíram  
e os homens se fundiram  
com as coisas.

Ando aos trambulhões  
pelas ruas sem luz  
desconhecidas  
pejadas de mística e terror  
de braço dado com fantasmas.

Também a noite é escura.

## c o n f i a n ç a

O oceano separou-me de mim  
enquanto me fui esquecendo nos séculos  
e eis-me presente  
reunindo em mim o espaço  
condensando o tempo

Na minha história  
existe o paradoxo do homem disperso!

Enquanto o sorriso brilhava  
no canto de dor  
e as mãos construíam mundos maravilhosos

John foi linchado  
o irmão chicoteado nas costas nuas  
a mulher amordaçada  
e o filho continuou ignorante.

E do drama intenso  
duma vida imensa e útil  
resultou certeza:

As minhas mãos colocaram pedras  
nos alicerces do mundo  
mereço o meu pedaço de pão!

## as terras sentidas

As terras sentidas de África  
nos ais chorosos do antigo e do novo escravo  
no suor aviltante do batuque impuro  
de outros mares  
sentidas

As terras sentidas de África  
na sensação infame do perfume estonteante da flor  
esmagada na floresta  
pela imoralidade do ferro e do fogo  
as terras sentidas

As terras sentidas de África  
no sonho logo desfeito em tinidos de chaves carce-  
[reiras

e no riso sufocado e na voz vitoriosa dos lamentos  
e no brilho inconsciente das sensações escondidas  
das terras sentidas de África

Vivas  
em si e connosco vivas

Elas fervilham-nos em sonhos  
ornados de danças de imbondeiros sobre equilíbrios  
de antílope  
na aliança perpétua de tudo quanto vive

Elas gritam o som da vida  
gritam-no  
mesmo nos cadáveres devolvidos pelo Atlântico  
em oferta pútrida de incoerência e morte  
e na limpidez dos rios

Elas vivem  
as terras sentidas de África  
no som harmonioso das consciências  
incluída no sangue honesto dos homens  
no forte desejo dos homens  
na sinceridade dos homens  
na razão pura e simples da existência das estrelas

Elas vivem  
as terras sentidas de África  
porque nós vivemos  
e somos as partículas imperecíveis  
e inatacáveis  
das terras sentidas de África.

## o choro de áfrica

O choro durante séculos  
nos seus olhos traidores pela servidão dos homens  
no desejo alimentado entre ambições de lufadas  
[românticas

nos batuques choro de África  
nos sorrisos choro de África  
nas fogueiras choro de África  
nos sarcasmos no trabalho choro de África

Sempre o choro mesmo na vossa alegria imortal  
meu irmão Nguxi e amigo Mussunda  
no círculo das violências  
mesmo na magia poderosa da terra  
e da vida jorrante das fontes e de toda a parte e  
[de todas as almas

e das hemorragias dos ritmos das feridas de África  
e mesmo na morte do sangue ao contacto com o  
[chão

mesmo no florir aromatizado da floresta  
mesmo na folha  
no fruto  
na agilidade da zebra  
na secura do deserto  
na harmonia das correntes ou no sossego dos lagos  
mesmo na beleza do trabalho construtivo dos  
[homens

o choro de séculos  
inventado na servidão  
em histerias de dramas negros almas brancas pre-  
[guiças  
e espíritos infantis de África  
as mentiras choros verdadeiros nas suas bocas

o choro de séculos  
onde a verdade violentada se estiola no círculo de  
[ferro  
da desonesta força  
sacrificadora dos corpos cadaverisados  
inimiga da vida

fechada em estreitos cérebros de máquinas de  
[contar  
na violência  
na violência  
na violência

O choro de África é um sintoma

Nós temos em nossas mãos outras vidas e alegrias  
desmentidas nos lamentos falsos de suas bocas —  
[por nós!

E amor  
e os olhos secos.

## c r i a r

Criar criar

criar no espírito criar no músculo criar no nervo

criar no homem criar na massa

criar

criar com os olhos secos

Criar criar

sobre a profanação da floresta

sobre a fortaleza impúdica do chicote

criar sobre o perfume dos troncos serrados

criar

criar com os olhos secos

Criar criar

gargalhadas sobre o escárneo da palmatória

coragem na ponta da bota do roceiro

força no esfrangalhado das portas violentadas  
firmeza no vermelho sangue da insegurança  
criar  
criar com os olhos secos

Criar criar  
estrelas sobre o camartelo guerreiro  
paz sobre o choro das crianças  
paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato  
paz sobre o ódio  
criar  
criar paz com os olhos secos

Criar criar  
criar liberdade nas estradas escravas  
algemas de amor nos caminhos paganizados do  
[amor  
sons festivos sobre o balanceio dos corpos em for-  
[cas simuladas  
criar  
criar amor com os olhos secos.

## a s p i r a ç ã o

Ainda o meu canto dolente  
e a minha tristeza  
no Congo, na Geórgia, no Amazonas.

Ainda  
o meu sonho de batuque em noites de luar.

Ainda os meus braços  
ainda os meus olhos  
ainda os meus gritos.

Ainda o dorso vergastado  
o coração abandonado  
a alma entregue à fé  
ainda a dúvida.

E sobre os meus cantos  
os meus sonhos  
os meus olhos  
os meus gritos  
sobre o meu mundo isolado  
o tempo parado.

Ainda o meu espírito  
ainda o quissange  
a marimba  
a viola  
o saxofone  
ainda os meus ritmos de ritual orgiaco.

Ainda a minha vida  
oferecida à Vida  
ainda o meu desejo.

Ainda o meu sonho  
o meu grito  
o meu braço  
a sustentar o meu Querer.

E nas sanzalas  
nas casas  
nos subúrbios das cidades

para lá das linhas  
nos recantos escuros das casas ricas  
onde os negros murmuram: ainda

O meu Desejo  
transformado em força  
inspirando as consciências desesperadas.

## c e r t e z a

Não me peças sorrisos  
que ainda transpiro  
os ais  
dos feridos nas batalhas.

Não me exijas glórias  
que sou eu o soldado desconhecido  
da Humanidade

As honras  
cabem aos generais.

A minha glória  
é tudo que padeço e que sofri

os meus sorrisos  
tudo o que chorei.

Nem sorrisos, nem glória.

Apenas um rosto duro  
de quem constrói a estrada  
por que há-de caminhar  
pedra após pedra  
em terreno difícil.

Um rosto triste  
pelo tanto esforço perdido  
— o esforço dos tenazes  
que à tarde se cansam.

Uma cabeça sem louros  
porque não me encontrei  
no catálogo  
das glórias humanas.

Não me descobri na vida  
e selvas desbravadas  
escondem os caminhos  
por que hei-de passar.

Mas hei-de encontrá-los  
e segui-los  
seja qual for o preço.

Então  
num novo catálogo  
mostrar-te-ei  
o meu rosto  
cercado de ramos de palmeira

e terei para ti  
os sorrisos que me pedes.

## sim em qualquer poema

Apetece-me escrever um poema.

Um poema fechado dentro de si  
para ser compreendido  
apenas  
pelos passarinhos que chilream lá fora  
sobre as três árvores  
da minha única paisagem;  
para ser entendido  
pela canção da seiva  
circulante no verde das ervas  
do caminho áspero da encosta;  
e pelo brilho do Sol  
e pelo carácter íntegro dos homens.

Um poema que não sejam letras  
mas sangue vivo  
em artérias pulsáteis dum universo matemático  
e sejam astros cintilantes  
para calmas noites  
de invernos chuvosos e frios  
e seja lume para acolher as gazelas  
que pastam inseguras  
nos acolhedores campos da imensa vida;  
amizade para corações odientos  
motor impelindo o impossível  
para a realidade das horas;  
cântico harmonioso para formosura dos homens.

Um poema  
(ah! quem comparou a África a uma interrogação  
cujo ponto é Madagascar?)  
Um poema solução  
resolvendo a curva interrogativa da imagem  
em linha recta da afirmação;  
e a beleza das florestas virgens,  
a precisão da engrenagem da existência,  
o som fantástico do trovejar sobre pedras,  
os cataclismos fluviais  
pendentes sobre as frágeis canoas do rio Zaire,  
o claro arrebol dos olhos dos homens.

Um poema traçado sobre aço  
escrito com as flores da terra  
e com os braços esguios da podridão;  
esculpido no amor  
que exala a esperança daquele meu amigo  
a esta hora com a tanga ensopada  
no suor do seu dorso;  
com as canções adocicadas do quissange ao luar;  
e as gargalhadas infantis para a minha amada;  
com o calor simpático  
do corpo sangrento dos homens.

Um poema fechado  
— longo e imperceptível  
em que amor e ódio entrelaçados  
sejam a síntese da discordância  
para ser cantado em todas as línguas  
guiado pelo som da marimba e do piano;  
ritmo de batuque enxertado sobre as valsas  
da outra mocidade;  
harmonia de xinguilamentos  
sobre o bárbaro matraquear de máquinas de escre-  
[ver,  
grito aflitivo no vácuo  
debatendo-se para encontrar vibração de matéria  
e a aspiração dos homens.

Mas não escreverei o poema.

Em que subterrâneos circularia

o ar irrespirável da violência?

Nas cavernas dos teus pulmões

o casten das vielas sórdidas

do conformismo?

Ou na avidéz dos quilómetros intestinos

dos chacais?

Ou nas cavidades prostituídas do coração

infame do escravagismo?

Ou nas goelas

da desonestidade inconsciente?

Não escreverei o poema.

Escreverei cartas à minha amada

preencheri os espaços claros dos impressos

com letra impecável

e nos intervalos

cantarei canções afro-brasileiras.

Sonharei.

Sonharei com os olhos do amor

incarnados nas tuas maravilhosas mãos

de suavidade e ternura.

Sonharei com aqueles dias de que falavas  
quando te referiste à Primavera.

Sonharei contigo.

E com o prazer de beber gotas de orvalho  
na relva

deitado ao teu lado

ao Sol, — uma praia furiosa lá ao longe.

E ficará dentro de mim

a amargura de não escrever o poema.

Ele há tantas amarguras!

Não escreverei o poema.

Direi simplesmente

que o colosso de certeza na humanidade do Uni-

[verso

é inapagável

como o brilho das estrelas

como o amor dos teus olhos

como a força da harmonia dos braços

como a esperança nos corações dos homens.

Inapagável

como a sensual beleza

da agilidade das feras sobre o campo

e o terror transmitido dos abismos.

Direi simplesmente

Sim!

Sempre sim

à honestidade dos homens  
ao viço juvenil da sinfonia das árvores  
ao odor inesquecível da natureza  
que apaga os possíveis cheiros amargos.

Sim!

à interrogação mágica de Talamugongo  
do Cunene ao Maiombe;  
ao sonoro cântico de ritmo subterrâneo  
e dos chamamentos telúricos;  
aos tambores  
apelando para o fio da ancestralidade  
esbatido além;  
ao ponto interrogativo de Madagascar.

Sim!

às solicitações místicas à musculatura dos membros  
ao quente das fogueiras endeusadas  
na lenha das sanzalas;  
às expansões magníficas das faces  
esculpidas no alegre sofrimento das quitandeiras  
e no ritmo febril das sensações tropicais;  
à identidade

com a filosofia do imbondeiro  
ou com a condição dos homens,  
ali onde o capim os afoga em confusão.

Sim!

à África-terra, à África-humana.

Direi sim  
em qualquer poema.

E esperemos que a chuva pare  
e deixe de molhar os chilreantes passarinhos  
sobre as três árvores da minha única paisagem  
e o desejo de escrever um poema.

Isso passa.

## o caminho das estrelas

Seguindo

o caminho das estrelas  
pela curva ágil do pescoço da gazela  
sobre a onda sobre a nuvem  
com as asas primaveris da amizade

Simples nota musical  
indispensável átomo da harmonia  
partícula  
germe  
cor  
na combinação múltipla do humano

Preciso e inevitável  
como o inevitável passado escravo  
através das consciências  
como o presente

Não abstracto  
incolor  
    entre ideias sem cor  
sem ritmo  
    entre as arritmias do irreal  
inodoro  
    entre as selvas desaromatizadas  
    de troncos sem raiz

Só

Mas concreto  
vestido do verde  
do cheiro novo das florestas depois da chuva  
da seiva do raio do trovão  
as mãos amparando a germinação do riso  
sobre os campos de esperança

A liberdade nos olhos

o som nos ouvidos

das mãos ávidas sobre a pele do tambor  
num acelerado e claro ritmo  
de Zaires Calaáris montanhas luz  
vermelha de fogueiras infinitas nos capinzais vio-  
[lentados

harmonia espiritual de vozes tam-tam  
num ritmo claro de África

Assim

o caminho das estrelas  
pela curva ágil do pescoço da gazela  
para a harmonia do mundo.

## ÍNDICE

Poesia Africana ... ..	7
Fogo e Ritmo ... ..	9
Mussunda Amigo ... ..	11
Kinaxixxi ... ..	15
Meia-Noite na Quitanda ... ..	17
Caminho do Mato ... ..	19
Comboio Africano ... ..	21
Noite ... ..	23
Confiança ... ..	25
As Terras Sentidas ... ..	27
O Choro de África ... ..	30
Criar ... ..	33
Aspiração ... ..	35
Certeza... ..	38
Sim em Qualquer Poema ... ..	41
O Caminho das Estrelas ... ..	48

Composto e impresso nas oficinas  
gráficas da Editorial Minerva  
Rua da Alegria, 30 — LISBOA

EDIÇÃO DO AUTOR

AC-01-07  
413

0413  
AC-01